

fogo no Brasil

LUIZ CLÁUDIO CUNHA

BERLIM — O clarão da Amazônia em chamas iluminou, ontem, a abertura de um "contra congresso" da ecologia, em oposição ao encontro oficial do FMI e do Banco Mundial em Berlim. A três quilômetros do superprotegido prédio do Internacional Congress Center (ICC), o velho prédio amarelo da Hochschule der Kunste (Escola Superior de Arte) tinha apenas três policiais distraídos na calçada e a frequência habitual de jovens de cabelos coridos e jeans desbotados. A platéia (200 pessoas) da "Conferência Internacional dos Cidadãos sobre o Banco Mundial, Ambiente e Povos Indígenas" não encontrou, no auditório de madeira do segundo andar o conforto das poltronas, o ar condicionado e a tradução simultânea em cinco idiomas que se oferece no encontro formal do FMI. Mas o "contracongresso" tinha na sua abertura, além de cinco brasileiros na mesa, um tema tão quente como a dívida mundial: o fogo que devasta as florestas brasileiras.

"A Amazônia está queimando", disse a professora alemã Clarita Muller-Plantenberg, em sua língua natal, repetindo a manchete em página dupla da reportagem que abriu a série do *Jornal da Tarde* (edição de agosto), que ela brandia no palco como a prova do crime.

"Enquanto no Sul se promove a campanha do SOS-Mata Atlântica, que envolve 95% das entidades ambientais, muita gente esquece que ali mesmo 20 milhões de hectares de florestas vão ser queimados em 1989", emendou o índio potiguar Jaime da Silva Araújo, 50 anos, presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, que representa 1,4 milhão de trabalhadores do Norte brasileiro. Ao lado de Araújo, como convidados especiais, estavam, o líder dos posseiros de Conceição do Araguaia, Oity Faria Leite, e o índio Paulo Cipassi Xavante, de Pimentel Barbosa e representando a União das Nações Indígenas (UNI). Dois brasileiros completavam a mesa: Magda Renner, do movimento Amigos da Terra, de Porto Alegre e o agrônomo José Lutzenberger, da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural.

Com a ajuda de um alemão que traduzia seu discurso veemente, Araújo ensinou: "Seringueiros, trabalhadores rurais e índios falam em meio ambiente não por romantismo. É da floresta que depende nossa sobrevivência e o ar puro que o mundo vai respirar no futuro. As grandes florestas, como a mata atlântica e a Amazônia, devem interessar a cada um de nós. Estive no Acre, duas semanas, atrás, e fiquei preso na cidade durante três dias porque o avião não podia decolar. A fumaça alcançava cinco mil metros de altura. Fumaça da floresta, que nos dá o fruto, o oxigênio e a vida". O seringueiro advertiu: "A floresta está sendo destruída de duas maneiras na Amazônia: pelo fogo das grandes fazendas de gado e pela água das grandes barragens hidrelétricas". José Lutzenberger recordou a dramática foto do satélite que mostrava uma área incendiada de 210 mil quilômetros quadrados.

"Durante os três dias desta conferência sobre ambiente, 2.880 quilômetros quadrados de floresta úmida serão destruídos. Esta é uma área maior do que o estado alemão do Sarre", comparou o alemão Hubert Weinzierl, presidente do Bund (Liga Alemã pela Ecologia e Conservação). O brasileiro Lutzenberger lembrou que, no Projeto Carajás, a Companhia do Vale do Rio Doce usa carvão vegetal para transformar o minério de ferro, já que não existe carvão mineral ou petróleo na região. Como o governo pretende atingir a meta de 16 milhões de toneladas de ferro anuais, isso significa um consumo entre 500 mil e um milhão de hectares de floresta primitiva a cada ano. Para resolver esse problema, ele sugere o abandono desse processo, pelo Brasil, e a criação de uma cláusula entre o Banco Mundial e os países devedores para perdoar parte da dívida em troca de garantias de proteção para a floresta e o meioambiente. Hoje e amanhã, os ecologistas do "contracongresso" vão discutir medidas de proteção para a floresta tropical, a questão dos agrotóxicos e a política do Banco Mundial. No final da manhã de sábado, com a declaração final do congresso, eles tentarão entregar oficialmente seu documento aos representantes do Banco Mundial reunidos no ICC. Se a polícia deixar.

